

FOI HOJE INAUGURADO O 16.º JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS

Faz hoje 135 anos que nasceu João de Deus, o poeta mavioso de Campo de Flores, o autor da «Cartilha Maternal», por onde milhares e milhares de portugueses aprenderam, durante anos, as primeiras letras. Para comemorar esta data, resolveu a Associação de Jardins-Escolas João de Deus inaugurar oficialmente, esta tarde, o seu 2.º Jardim-Escola de Lisboa, que ficou instalado num edifício da Rua Conde de Arnoso, em Alvalade. Contribuiu para a criação desta escola a Fundação Gulbenkian, que, assim, ajudou aquela Associação a continuar a sua obra já extensiva a Chaves, Porto, Matosinhos, Viseu, Leiria, Coimbra, Alcobaça, Castelo Branco, Tomar, Mortágua, Torres Vedras, Alhadas, Figueira da Foz e Torres Novas.

O novo Jardim-Escola dentro do mesmo espírito dos outros, ministra a instrução pré-primária a crianças dos 3 anos e meio aos 7 anos, fazendo parte do seu ensino o canto coral, a euritmia, o desenho, a modelação, a pintura e as primeiras letras.

O novo edifício de Alvalade dispõe de quatro salas de aula, um salão, um gabinete da regente, uma sala de isolamento para as crianças que, porventura, adoe-

O PRIMEIRO FOI INAUGURADO EM COIMBRA NO ANO DE 1911

çam durante o dia, um gabinete médico, salas de leitura e convívio das professoras, cozinhas e um refeitório, onde as crianças tomam o almoço e a merenda, fornecidos pela Associação.

Assistiram à cerimónia, além de outras individualidades, os srs. Ministros da Educação e da Saúde; o sr. dr. Azeredo Perdigão, presidente da Gulbenkian, e o sr. general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

O sr. dr. Jaime Lopes Dias, presidente da Assembleia Geral da Associação de Jardins-Escolas João de Deus, que em primeiro lugar usou da palavra, disse ser obrigação da direcção «esclarecer os menos integrados nesta obra genial, portuguesa, que com as suas portas bem abertas, no silêncio e na modéstia, sem reclamações oulouvaminhas de encomenda, age, trabalha e presta altos serviços à Nação, às crianças e às mães».

Antes dos Jardins-Escolas não havia em Portugal escolas infantis

Depois, referindo-se propriamente à obra, acentuou:

«Antes dos Jardins Escolas João de Deus, não havia em Portugal escolas infantis como as que funcionavam noutros países, com métodos e práticas de ensino que mereciam aplausos dos pedagogos: Na Alemanha, Froebel com os Kindergarten; na Bélgica, com a Escola Decroly; na Itália, a Casa dei Bambini, de Luiza Montenori e onde Lombardo Radici, o poeta da infância e inspirador da reforma da instrução primária daquele país, em 1932, como João de Deus, contava em matéria de instrução todo o artifício para seguir o rumo do raciocínio e do instinto.

«As crianças naquelas idades em que tudo perguntam sem encontrar quem lhes responda, impedidas de entrar na escola antes dos sete anos, viviam entre nós à margem da gente grande; as mais pobres, quantas vezes, ao abandono sem defesa da higiene física ou moral, e as abastadas, por falta de ocupações adequadas, entregues geralmente ao irrequietismo e à torbulência».

Seguidamente, acrescentou:

«João de Deus Ramos, alma de eleição e filho amantíssimo que aos proventos a que, por outros processos poderia aspirar na vida,

FOI INAUGURADO o Colóquio de Exportação

Hoje, ao começo da tarde, na Feira Internacional de Lisboa, realizou-se a sessão inaugural do Colóquio de Exportação, uma iniciativa do Centro de Industriais Exportadores da Associação Industrial Portuguesa que conta com o apoio do Fundo de Fomento de Exportação e do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Participaram na reunião inaugural mais de trezentos e cinquenta técnicos dos sectores público e privado e os directores das Casas de Portugal, cônsules-gerais e adidos comerciais portugueses colocados no estrangeiro, para o efeito expressamente vindos a Lisboa.

O colóquio tem amanhã a sua segunda sessão, pelas 15 horas.

preferiu continuar a propaganda e a defesa da obra encantadora de seu pai, acompanhado quanto em matéria de pedagogia ia pelo estrangeiro. Ou sem exclusão formal de algumas das suas soluções pedagógicas, criar uma escola portuguesa?

Estava bem lembrado, dando-lhe a sua inteira concordância, daquele exacto e indiscutível conceito de Garrett: «Eu tenho para mim que nenhuma educação pode ser boa se não for eminentemente nacional.

Antero do Quental, dissera: «Penso com Froebel e João de Deus (e com a razão e a natureza) que o tipo do ensino é o maternal que segue a par e passo as tendências naturais...»

«Para os entezinhos em que tudo é movimento e imaginação, escola se não for jardim será só prisão, e a doutrina se não for encanto será só tortura».

Noutro passo do seu discurso, o sr. dr. Lopes Dias refere o seguinte:

«Por feliz coincidência a Academia de Coimbra, sempre sonhadora, contava por esse tempo entre os seus elementos mais destacados, outro poeta e musicólogo distintíssimo, o saudoso António Joyce, que andava empenhado na organização do Orfeão Académico que viria a ser balsamo apaziguador das ardências políticas de ocasião, e ao mesmo tempo semeador da arte e alegria.

Possuídos da mesma ânsia de beleza, João de Deus Ramos e António Joyce, dois amigos, estabeleceram colaboração.

O Orfeão cantaria para os Jardins Escolas.

Desta actuação saiu o impulso de que resultou, naquele cantinho formoso, vizinho do Jardim Botânico, a primeira escola infantil portuguesa».

Passou-se isto no ano já longínquo de 1911.

No final do seu discurso, o sr. dr. Jaime Lopes Dias disse ainda:

«Se a questão da educação pública é, como parece indiscutível problema vital de uma nação, e aquela deverá começar como penso que se conclui do que acabo de dizer no período pre-primário, a Associação dos Jardins Escolas João de Deus aqui, nesta solene inauguração do seu 16.º Jardim, afirma a sua vontade de prosseguir as suas actividades, considerando do seu mais justo júbilo as datas em que possa levar a efeito a construção dos novos edifícios nas localidades onde felizmente já hoje homens bons estão a preparar-lhes os alicerces. Assim prosseguirá como é seu dever, a realização do sonho de João de Deus e João de Deus Ramos de dar a todas as crianças de Portugal ensino e alegria, e às mais pobres pão e educação».

Falou também a sr.ª D. Maria da Luz de Deus Ramos Ponces de Carvalho, neta de João de Deus e vice-presidente daquela prestimosa instituição.

**BARBOSA, ESTEVES
& C.ª, LDA**

OURIVES-JOALHEIROS

293, Rua da Prata, 295

**JOIAS, OURO PRATAS
E RELOGIOS O QUE HA
DE MELHOR NO GENERO**

Dão-se todas as garantias

TELEFONE 321728

ARTA VEZ AMBULÂNCIA serviu de parteira»

duzida pelo motorista sr. José Abrunhosa, levando como companheiro o bombeiro sr. Manuel do Nascimento Pires. Nela foi introduzida a parturiente, e uma sua vizinha e amiga, a sr.ª D. Maria do Carmo Mateus. Acelerador a fundo, sereia a apitar, o veículo partiu, direito a Bragança.

Por alturas das «Covas de Penalca», perto já do termo da viagem, a sr.ª D. Idalina Brás foi no entanto, acometida por dores de uma tal violência que o motorista se viu compelido a interromper a corrida. Apreciado o estado da parturiente, o sr. Manuel Pires suspirou: pela quarta vez, naquela mesma ambulância, iria desempenhar as funções de parteiro.

Como das vezes anteriores, toda a aparelhagem de que dispunha resumia-se a uma tesoura. Lembrara-se de a trazer... Na ambulância, mais nada: nem sombras de material cirúrgico e nem um só medicamento para amostra.

Mas, felizmente, como das três vezes anteriores, tudo correu pelo melhor. O sr. Manuel Pires após dar uso à tesoura, apertou, com um simples fio tirado de um xale de lã — nada mais havia à mão que servisse... — o cordão umbilical da parturiente. E tão bem se houve com a tarefa que, posto o bebé (saudável) no mundo, a mãe, sentindo-se de óptima disposição, pediu ao motorista que a reconduzisse a casa, em vez de a levar ao hospital. E foi o que se fez.

Claro que, neste louvor à perícia do «bombeiro-parteiro», sr. Manuel Pires, é de justiça salientar a ajuda que lhe prestaram os seus «assistentes»: o motorista da ambulância e a sr.ª Maria do Carmo Mateus. Mas nada diminui o mérito deste autêntico «record»: assistir por acidente, numa ambulância a caminho do hospital, a quatro parturientes, e, com todas elas, se haver com acerto. — C.